

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO SEXUAL: ANÁLISE DE UM RELATO PROFISSIONAL¹

SCHOOL PSYCHOLOGY AND SEXUAL EDUCATION: ANALYSIS OF A PROFESSIONAL REPORT

Tamires Giorgetti Costa (Doutoranda no PPG em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - Unesp/Bauru - tamires.giorgetti@unesp.br)

Ana Cláudia Bortolozzi (Docente do PPG em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - Unesp/Bauru – claudia.bortolozzi@unesp.br)

Eixo temático: Educação, Desenvolvimento e Aprendizagem

Resumo:

A Lei nº 13.935 de 2019 possibilita que psicólogos(as) escolares atuem efetivamente nas escolas e nas demandas que envolvem processos de Educação Sexual (ES), seja com alunos(as), professores(as) ou familiares; entretanto, estudos mostram que há uma lacuna na formação desses (as) profissionais para lidarem com o tema da sexualidade. Esta é uma pesquisa qualitativa-exploratória, tipo estudo de caso, que teve por objetivo investigar a concepção e a atuação de uma psicóloga escolar em relação ao processo de ES. Para tal, foi analisado o relato de uma psicóloga, de 27 anos, atuando em 4 escolas, que participou de uma entrevista, gravada e transcrita na íntegra para análise de conteúdo, resultando em duas categorias temáticas: (1) “Atuação profissional: o que a psicóloga escolar diz que faz?” e (2) “Sexualidade e ES: concepções da psicóloga escolar”. A entrevistada apresentou uma boa noção sobre sexualidade ampla e a necessidade de ES nas escolas, no entanto, algumas resistências e desafios foram citados para efetivação do trabalho e a realização de projetos nas escolas. Conclui-se que é necessário investir na formação geral de psicólogos(as), divulgar propostas bem sucedidas de intervenção e seus benefícios e desenvolver novas pesquisas para contribuir no enfrentamento das dificuldades.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Psicologia Escolar.

Abstract:

Law No. 13,935 of 2019 allows school psychologists to work effectively in schools and in the demands that involve Sexual Education (SE) processes, whether with students, teachers or family members; however, studies show that there is a gap in the training of these professionals to deal with the topic of sexuality. This is a qualitative-exploratory research, case study type, which aimed to investigate the conception and performance of a school psychologist in relation to the SE process. To this end, we analyzed the report of a 27-year-old psychologist, working in 4 schools, who participated in an interview, recorded and transcribed in full for content analysis, resulting in two thematic categories: (1) “Professional activity: what does the school psychologist say she does?” and (2) “Sexuality and SE: conceptions of the school psychologist”. The interviewee presented a good idea about broad sexuality and the need for SE in schools, however, some resistance and challenges were mentioned in carrying out the work and carrying out projects in schools. It is concluded that it is necessary to invest in the general training of psychologists, publicize successful intervention proposals and their benefits and develop new research to help address difficulties.

Keywords: Sexuality. Sexual Education. School Psychology.

¹ Dados parciais de Tese de Doutorado da primeira autora, sob orientação da segunda. Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES).

1. Introdução

São claras as normativas técnicas para atuação do(a) Psicólogo(a) escolar (CRP, 2010), apontando que é importante que o(a) profissional conheça a realidade brasileira, os processos históricos, culturais juntamente com a função social da escola e atue de forma multidisciplinar, identificando criticamente as causas do sofrimento psíquico na tríade escola-família-comunidade. A Lei nº 13.935 de 11 de dezembro foi aprovada em 2019 (Brasil, 2019) e prevê psicólogos(as) e assistentes sociais nas redes públicas de educação básica do país, no entanto, a falta de financiamento e a não obrigatoriedade para implementação da Lei nos municípios adiam ainda mais o ingresso dos(as) profissionais nas instituições de ensino.

Para além dos processos de ensino e aprendizagem, a escola também pode ser compreendida como palco de compartilhamento de vivências, subjetividades e diferenças. A instituição escolar, assim como a família e a religião, também agencia formas de controle sobre as sexualidades e os corpos (Foucault, 1988), as bases ideológicas do cristianismo e os padrões heteronormativos ditam o que é “ser homem e mulher”, e são reproduzidos desde os primeiros anos de escolarização, até mesmo antes do nascimento da criança (Bortolozzi, 2022); ou seja, questões de gênero também são produzidas e reproduzidas no cotidiano das escolas (Louro, 2017).

Diferentes estudos (Souza; Barbosa, 2014; Viana; Francischini, 2016) dissertam sobre a lacuna presente no processo de formação dos(as) Psicólogos(as) Escolares, o que acaba refletindo em uma prática individualizante e clínica; além disso, nesta formação, o tema da sexualidade e a necessidade dos processos de Educação Sexual (ES) contextualizados também são escassos (Maia; Pastana, 2018). Neste sentido, ao pensarmos nos desafios que envolvem a atuação dos(as) psicólogos(as) nas escolas e a importância da intersecção em sexualidade, compreendemos que nem sempre o(a) profissional estará capacitado(a) para atuar em um cenário tão múltiplo, diverso e complexo como a escola, além das demandas que envolvem a sexualidade.

Para Hommerding, Pereira e Calça (2023) a ES é uma importante área de atuação para o(a) psicólogo(a), salientando o trabalho de formação e orientação aos professores. As autoras investigaram a percepção dos(as) educadores(as) sobre ES no ensino infantil e fundamental e a inserção de um(a) psicólogo(a) neste contexto, 69,2% dos(as) profissionais avaliaram que na escola nunca desenvolveram algum trabalho em educação sexual com os(as) alunos(as), 96,2% responderam “definitivamente sim” e 3,8% “provavelmente sim” para a importância do profissional da psicologia no ambiente escolar.

Diante do exposto, como psicólogos(as) escolares têm atuado nas escolas em relação a esta temática? O que pensam sobre o tema? Para responder essas questões, esta pesquisa qualitativa-exploratória, tipo estudo de caso (Camargo 2020), teve por objetivo investigar a concepção e a atuação de uma psicóloga escolar em relação ao processo de educação sexual.

2. Método

A escolha da participante ocorreu por indicação. Dahlia foi convidada pela pesquisadora a participar do estudo de forma voluntária, na técnica que chamamos de “bola de neve”. O projeto de pesquisa recebeu parecer favorável de um comitê de ética de uma universidade pública para sua realização. A participante recebeu todas as informações sobre a pesquisa e leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo concordado com a redação do termo e assinado voluntariamente sua participação.

Participou do estudo a profissional Dahlia², 27 anos de idade, atuando como psicóloga escolar, na ocasião da coleta de dados, por 5 meses, em 4 escolas de um município de médio porte do interior do estado de São Paulo, atendendo um público de estudantes de zero a onze anos (do berçário ao fundamental I).

Dahlia formou-se em uma universidade particular em 2018 de uma cidade do interior paulista avaliada por ela como uma “boa” formação. cursou disciplinas de psicologia escolar e fez estágio em uma escola estadual. Nas atividades de estágio, desenvolveu atividades de ES com adolescentes no 8º ano. Segundo ela, o conteúdo de sexualidade foi visto durante o curso de modo geral e superficial, principalmente nas disciplinas de “desenvolvimento humano”, e não em uma disciplina específica.

A coleta de dados ocorreu por meio de um roteiro de entrevista com trinta e quatro questões abertas organizadas em eixos temáticos. A entrevista foi realizada em local reservado, livre de ruídos sonoros, com privacidade para gravação em áudio e teve duração de 25 minutos e 44 segundos. Para a análise dos dados, toda a interação da entrevista foi transcrita na íntegra e salva em documento *Word*, para organização em categorias temáticas, seguindo a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011).

3. Resultados e discussão

Os resultados foram organizados em duas categorias temáticas e serão apresentados e discutidos a seguir.

Atuação profissional: o que a Psicóloga Escolar diz que faz?

Para Dahlia o trabalho do(a) psicólogo(a) escolar acaba sendo limitado a “apagar incêndio”, pois o modo como o serviço tem sido organizado no sistema público acaba por atender muitas escolas, em pouco tempo de carga horária. Além disso, como o(a) psicólogo(a) não dá conta de atender tantas escolas, outros profissionais (professores, coordenadores, assistentes sociais, diretores, etc.) acabam por assumir as demandas emergentes que aparecem, tais como: *bullying*, violência, questões emocionais, dificuldades escolares ou questões de sexualidade. Também não há tempo para a elaboração de propostas e projetos preventivos.

(...) hoje o que eu percebo é que o trabalho está bastante... não sei se seria a melhor palavra, mas um pouco sucateado, porque “a gente” “tá indo” “pra” uma “gama” muito grande de escolas, com uma carga pequena, estou cumprindo com vinte horas e com quatro escolas. E eu tenho colegas que estão com trinta [horas] mas estão com seis, sete, escolas... e eu acho bastante ruim nesse sentido porque “a gente” não consegue dar atenção “pra” algumas coisas e a “a gente” fica meio que... “num” suporte, “numa” coisa meio... “redução de danos” dentro da escola, “né”? e “a gente” acaba não conseguindo as vezes ter uma ação mais preventiva, e... até “pra” intervenção “assim”, é tudo meio que cronometrado, o tempo que você está dentro da escola. (...) eu tento dividir meu tempo “pra” cada escola “né”? então aquele dia eu “tô” dentro daquela escola, é... mas, acabam surgindo muitas demandas e tem coisas que “assim”, são demandas da psicologia, mas acabam sendo resolvidas por outros profissionais ali, é... por não “tá” o psicólogo naquele momento dentro da escola. (...) às vezes é o próprio assistente social ou é a direção, coordenadora pedagógica ou até o professor dentro de sala de aula. (...) Ah, por exemplo, algumas questões emocionais eles tentam é... mediar, da maneira que eles conseguem, é... algumas questões que envolvem, por exemplo, bullying ou a violência escolar e até a própria questão de sexualidade assim, são

² Nome fictício escolhido por ser nome de uma flor.

coisas que eles vão tentando mediar “né”? a questão da dificuldade escolar também, tem coisas que eu percebo que eles tem dificuldade de compartilhar com “a gente” assim. (Dahlia)

Teles e Viegas (2023) refletem que o atendimento clínico e individualizado ainda é o mais esperado nas escolas e muitas vezes, em uma perspectiva de “ajustamento”. As autoras também mencionam que a escola, muitas vezes, representa a psicologia como solução para os problemas ou como aquela que irá “apontar erros”, principalmente na atuação dos(as) professores(as), essa idealização deve-se ao histórico classificatório da ciência psicológica que por muito tempo, foi pautada em “controlar”, “resolver” e diagnosticar alunos(as).

Atualmente, Dahlia tem buscado atuar na orientação de familiares e professores(as). Tem feito orientação de familiares das crianças pequenas (do berçário) e pensado em formação com professores(as) para falar sobre desenvolvimento humano. O tema da sexualidade humana aparece quando se pensa na prevenção, mas não há proposta de intervenção junto aos alunos(as) e aos funcionários(as).

Então, nesse momento, eu tenho conseguido mais atuar com as famílias, né? (...) No geral, assim... “a gente” tem chamado a família de modo individual “pra” orientar, né? Até ter a reunião de pais, “né”? Aí na reunião de pais “a gente” consegue estruturar algo maior “né”? Eu sugeri um projeto “pra” gente intervir com família “né”, fazer alguns grupos, “né”? Durando um período, mas ainda não tive assim... uma aprovação. (...) E com as equipes, então, por exemplo, o pessoal do berçário “a gente” “tá” pensando em uma formação com os professores, a maioria das vezes eu sou solicitada assim “pra” fazer orientação familiar, então... eu tenho trabalhado nesse momento mais com isso. (...) Então, estamos começando a fazer agora “né”? formação com os professores assim, formação voltada pro... principalmente pro infantil, eu sinto que o infantil tem um pouco mais de abertura assim. (...) vai ser durante o HTPC dos professores e ela vai ser voltada pra questão do desenvolvimento mesmo “né”, que alguns professores assim tem um pouco de dificuldade “pra” entender o que é esperado, em termos de desenvolvimento humano “pra” aquela faixa etária e... e como ele pode pensar a relação pedagógica com esse desenvolvimento. O meu papel é de alguma forma trazer um pouquinho do que a psicologia pode contribuir “né” e auxiliar aí, a estruturar essas atividades. (Dahlia)

A percepção de que o tema da sexualidade existe no trabalho das intervenções da psicologia escolar apareceu no relato de Dahlia quando ela citou a prevenção à violência sexual e a necessidade de falar sobre isso junto aos educadores(as) e quando lembrou a curiosidade dos alunos e alunas sobre questões de gênero e outros temas da sexualidade.

Informar sobre sexualidade é de extrema importância para identificar violências e denunciá-las, Spaziani e Maia (2015) salientam a importância do conteúdo na formação dos(as) educadores(as) “essas questões [relacionadas à sexualidade e ao gênero] irão, muito provavelmente, fazer parte do cotidiano desses/as profissionais, bem como poderão auxiliar na prevenção da violência infantil” (p. 69). Nem sempre o(a) educador(a) estará preparado para lidar com as manifestações naturais da sexualidade ou identificar sinais de violência (Viera; Marshukura, 2017), o(a) psicólogo nesse contexto poderá intervir nas demandas que envolvem sexualidade, gênero e diversidades, além de desmistificar preconceitos e estigmas sobre a temática (CFP, 2019).

Ele aparece [tema sexualidade], acho que no sentido de prevenção “né”? É.... “a gente” tem alguns casos, por exemplo, que as cuidadoras ali, principalmente nas creches ou as professoras tem algumas hipóteses, por exemplo, de abuso sexual e “aí”, vejo que meu trabalho está muito nessa prevenção. (...) em 2021 [no fundamental, cargo temporário], essa demanda aparecia mais “assim”, eu lembro que era um pedido das crianças para falar sobre isso, principalmente as dos quintos anos “né”, quando “a gente” fez a

“caixinha” lá de sugestão eles colocaram esse tema, isso aparecia às vezes “né”, nas paredes do banheiro “né” era bastante comum, eles tinham bastante curiosidade “pra” entender, o que era principalmente orientação de gênero “né” o que... enfim, essas curiosidades mesmo: “ah, o que é isso, o que significa a letra LGBT? o que significa não sei o que lá? é verdade que existe...vi na internet que existem pessoas que tem um fetiche por tal coisa, isso é real?” Então isso aparecia bastante. (Dália)

Sexualidade e Educação Sexual: concepções da psicóloga escolar

Para Dália, a sexualidade envolve os afetos, desejos e os relacionamentos, sendo um aspecto importante na vida do ser humano e na ciência psicológica. Já a ES seria uma “orientação”, um momento de “troca de experiência” da sexualidade das pessoas, um momento de discussão e de “prevenção de riscos”. A psicóloga considera fundamental a ES nas escolas, embora considere um trabalho “cerceado”, por isso, ela mesma não atua nesta área.

Dália, relata que recebeu uma orientação de que seria melhor não trabalhar a temática para não receber críticas dos familiares. Quando a temática fosse abordada seria melhor que viesse outro profissional na escola (mesmo que fosse psicólogo/a), mas para manter o vínculo de confiança e não “apologia à sexualidade”, seria melhor para o(a) psicólogo(a) escolar não assumir o papel de facilitador(a) do projeto “Educação Sexual nas Escolas” ou algo do tipo.

(...) eu entendo que [sexualidade] envolve os nossos afetos, é... os nossos desejos, as nossas fantasias, é... o modo como a “gente” se relaciona com as pessoas, o modo como a “gente” se relaciona com nós mesmos. (...) Eu acho que assim, contribui muito [para a ciência psicológica] assim porque...a “gente” é seres “né” que tem sexualidade e a “gente” se relaciona por meio dela, então, é... entendo que é fundamental assim. (...) Pra mim, educação sexual é a orientação, “né”? eu acho que a troca dessa experiência. Porque se cada um de nós temos aí e vivenciamos a nossa sexualidade, a educação ela não tem um certo e errado, mas ela tem um espaço pra que isso possa ser discutido, explorado e... orientado no sentido do que a “gente” entende também de prevenção mesmo, de risco, é... de respeito, de autonomia também. (...) Eu acho fundamental, [educação sexual na escola]. (...) mas eu sinto que esse é um trabalho que tem sido um pouco... cerceado assim, “né”? (...) quando eu cheguei esse ano “pra” [identificação ocultada], (...) foi colocado assim que em 2021 as psicólogas trabalharam essa temática e que muitos familiares reclamaram posteriormente, né, sobre ter sido trabalhado isso (...) forçando essa temática nas crianças “né”, como se elas não quisessem falar sobre isso “né”. E... e aí, se entendeu assim que a “gente” estaria de alguma forma pregando uma ideologia ali. E aí, “pra” evitar esse tipo de conversa dentro da escola “né”, principalmente dentro da compreensão dos familiares e até mesmo da sociedade assim, é... pensaram que seria melhor preservar o vínculo do psicólogo ali com as famílias, com as crianças e os professores e de repente trazer um profissional de fora, que inclusive pode ser um psicólogo [risos], da saúde “pra” falar sobre esse tema, que não pode ser o psicólogo escolar “aí” “pra não fazer essa apologia.

A ES formal é de extrema importância para o contexto escolar (Maia; Ribeiro, 2011) e está prevista como um dos direitos sexuais que fazem parte dos direitos humanos e de importantes documentos nacionais (Fagundes, 2019) e diretrizes internacionais que o Brasil apoia como a ONU e a UNESCO (Bortolozzi; Pastana; Carvalho, 2020)

Bortolozzi (2022), Maia e Ribeiro (2011) e Ribeiro (2013) comentam sobre a percepção equivocada de que os assuntos relacionados à sexualidade seriam apenas “função” da família, distanciando essa responsabilidade da escola e dos(as) educadores(as). É importante ressaltar que a escola também educa sexualmente, pois é um espaço cercado de vivências e subjetividades, no entanto, uma ES não sistematizada pode ser muitas vezes sexista, repressora e prejudicial para o

desenvolvimento da criança e do adolescente. A temática ainda alavanca polêmicas, como se pudesse existir o ensino de “sexo nas escolas” e, diante disso, a ES vem sofrendo ameaças, principalmente com a constante reprodução de notícias falsas sobre o assunto, pois atinge diretamente os “valores da família tradicional” e, segundo Junqueira (2022, p. 68) “os(as) professores(as) e as escolas são alvos frequentes de um discurso fantasioso e de acusações”.

Enfim, Dahlia comenta algumas questões muito importantes, primeiro: a necessidade de formação dos(as) profissionais envolvidos, no caso dos(as) psicólogos(as) e estendemos aqui, todos os agentes escolares. Pesquisas corroboram com o relato de Dahlia, como a lacuna existente na formação em psicologia escolar (Souza; Barbosa, 2014; Viana; Francischini, 2016) e a importância do conhecimento em sexualidade e ES (Maia; Pastana, 2018; Hommerding, Pereira; Calça, 2023).

(...) cabe uma formação, pra nós e acho que uma articulação com os serviços assim “né”? Eu acho que “a gente” ainda está estruturando o que o psicólogo faz na escola, quem dirá como o psicólogo discute essa questão da educação sexual assim, então, é... eu acho que a “gente” precisa enquanto categoria apresentar mais trabalhos, “né”? Eu acho que a sua pesquisa é muito importante por conta disso também, é... a “gente” precisa ter material pra mostrar que esse é primeiro uma necessidade dentro da escola, que não sou eu que estou dizendo isso, isso sai em qualquer caixinha de perguntas que você coloca “pras” crianças de tema, é... então eu acho que a “gente” precisa escrever mais sobre isso e mostrar a relevância do tema dentro da educação, enquanto categoria e classe, eu acho que “a gente” precisa mostrar relevância desse trabalho.

A Psicóloga também evidencia a necessidade da ES na escola por meio de pesquisas que mostrem que os(as) alunos(as) têm dúvidas sobre sexualidade, que buscam informações sobre o tema em locais inadequados e que a falta de informação os(as) tornam mais vulneráveis, etc. Diferentes materiais e cartilhas reforçam a importância da ES nas escolas, seja para prevenir violências, emancipar os sujeitos, abrir espaço para as diversidades, como parte dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos (Bortolozzi, 2020; 2022; OMS, 2020; UNESCO, 2019).

4. Considerações finais

O relato da participante demonstra que por mais que o(a) Psicólogo(a) esteja inserido novamente no contexto escolar, ainda não encontrou o seu espaço e enfrenta dificuldades e limitações em sua atuação, principalmente por atuar em mais de uma escola com uma carga horária reduzida e insuficiente para desenvolver projetos, formar vínculos e trabalhar em equipe.

Dahlia apresenta uma noção ampla do conceito de sexualidade e considera a ES necessária em sua atuação, mas como seu trabalho exige flexibilidade, públicos diferentes, demandas e urgências variadas, seria difícil desenvolver uma intervenção sistematizada. Também compreende que é uma temática que desperta diferentes interpretações e resistências, por parte dos familiares e da própria instituição, o que acaba tirando a responsabilidade da escola em abordar o tema e a transfere para outros setores, como por exemplo, a saúde. A profissional identifica que se pudesse atuar, poderia levantar as necessidades e formar grupos com as crianças e as famílias, organizando temas interessantes e adequados às faixas etárias do desenvolvimento humano.

Além disso, defende pontos fundamentais que corroboram com a literatura: a necessidade de formação dos(as) psicólogos(as) e da divulgação de pesquisas com informações científicas. Entende-se que esse trabalho pode auxiliar a transmitir informações para os(as) profissionais da psicologia e desmistificar a atuação de psicólogos(as) escolares em ES e sexualidade.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm. Acesso em 10.06.2024.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia (org.). **Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos**. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2020.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia. **Sexualidade na infância: manual para educadores**. Bauru: Gradus, 2022.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia; PASTANA, Marcela; CARVALHO, Leilane Raquel Spadotto de. Educação Sexual na vida e nas escolas. In: BORTOLOZZI, A.C. (org.). **Educação Sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos**. 1 ed. Araraquara: Padu Aragon, 2020.

CAMARGO, Brígido Vizeu. **Métodos e procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicologia**. Curitiba: CRV, 2020. 128p.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Orientação sobre as atribuições do Psicólogo no contexto escolar e educacional**. 2010. Disponível em: <https://transparencia.cfp.org.br/crp06/legislacao/nota-tecnica-educacao-orientacao-sobre-as-atribuicoes-do-psicologo-no-contexto-escolar-e-educacional/>. Acesso em: 10.06.2024.

FAGUNDES, Tereza Cristina. As políticas educacionais e a questão de gênero. In: RIBEIRO, Marcos. **A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019, p.91-103.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidades e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16a ed. Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 2017.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; PASTANA, Marcela. Sexualidade e diversidade sexual na formação em psicologia. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 83–90, 2018.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação Sexual: princípios para a ação. **Doxa Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde sexual, direitos humanos e a lei.** Tradução realizada por projeto interinstitucional entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências.** Brasil: UNESCO, 2019.

HOMMERDING, Ana Paula Guitaneli; PEREIRA, Elaine Alves; CALÇA, Luiza Martins. Percepção de professores de educação infantil e ensino fundamental sobre a atuação do psicólogo na educação sexual dentro do ambiente escolar. **Ideação**, v. 25, n. 1, p. 169–189, 2023.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sexualidade e Escola. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** 3ª ed. Rio Grande: Editora FURG, 2013. p. 44 - 47.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de *et al.* Atuação do psicólogo na educação: análise de publicações científicas brasileiras. **Psicologia da Educação**, n. 38, p. 123–138, 2014.

SOUZA, Beatriz de Paula Souza; BARBOSA, Débora Rosária. Psicologia Educacional e Escolar: A riqueza de um campo de saber e práticas. In: DIAS, Eliane T. Dal Mas Dias; AZEVEDO, Lílana Pereira Lima Azevedo (orgs.). **Psicologia Escolar e Educacional: Percursos, saberes e intervenções.** Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p.13-39

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. **Rev.Psicopedagogia**, n. 32, v. 97, p. 61-71, 2015.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453–474, 2017.

VIANA, Meire Nunes. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. In: VIANA, Meire Nunes; FRANCISCHINI, Rosângela (org.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília: Conselho Federal de Psicologia CFP, 2016. p. 54-73.

TELES, Lílana Alves da Luz; VIÉGAS, Lígia de Sousa. Desmedicalizando a vida escolar: desafios formativos para a Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva crítica. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 31-39, 2023.